

Para a História do Socialismo

Documentos

www.hist-socialismo.net

Tradução do russo e edição por CN, 30.07.2014

(original em: http://cccp-kpss.narod.ru/tinform/2013/Sovetskoe_Soprotivlenie-1.pdf)

O modelo económico de Stáline

*O que era, como foi destruído, qual o seu papel no futuro?*¹

Tatiana Khabarova²

Entrevista conduzida por Serguei Prokopenko

É correcto dizer-se que o desenvolvimento do socialismo, das relações socialistas de produção na URSS, em total correspondência com os interesses do povo soviético, teve apenas lugar sob a direcção de Iossif Vissariónovitch Stáline? Que tudo o que aconteceu na URSS depois da sua morte se inseriu na destruição deliberada do socialismo, das relações socialistas de produção, o que, em última instância, conduziu à derrota do povo soviético em 1991?

Tatiana Khabarova – Naturalmente que não se pode dizer que logo após a morte de Stáline se assistiu a uma destruição total. Ainda havia uma enorme inércia do período de Stáline, o povo acreditava profundamente na construção do socialismo e do comunismo, trabalhava, havia muitas pessoas honestas, inclusive no partido e no corpo de dirigentes. Por isso a edificação continuou e muito foi feito no período pós-Stáline. Não falo sequer da conquista do espaço, mas, por exemplo, criámos o sistema energético unificado do país, o complexo petrolífero e gasífero, alcançámos a paridade militar com os EUA, etc. Assim, o processo de edificação continuou, mas depois no final da II Guerra Mundial foi desencadeada contra nós uma nova guerra imperialista. Logo em 1948, como é sabido, o Conselho Nacional de Segurança dos EUA aprovou a famigerada Directiva 20/1,³ na qual se afirma abertamente que os Estados Unidos conduzem uma guerra contra a União Soviética e que essa guerra visa precisamente a destruição dos nosso sistema social, do nosso regi-

¹ O presente texto resulta da tradução da transcrição de uma entrevista em directo, a 21 de Junho de 2013, para o programa «Resistência Soviética» (<http://video.yandex.ru/users/cccp-kpss/view/5/#>). (N. Ed.)

² **Khabarova**, Tatiana Mikhailovna (1935) é actualmente presidente do Comité Executivo do Congresso dos Cidadãos da URSS (ver nota autobiográfica em: <http://www.hist-socialismo.com/docs/KharbarovaEconomiaSocialista.pdf>). (N. Ed.)

³ O original desta directiva, também conhecida como «Plano Dulles», está disponível em inglês em: <http://www.sakva.ru/Nick/DullPlan.html>. (N. Ed.)

me social e do nosso povo. Essa guerra teve naturalmente uma acção refreadora, mas as coisas só resvalaram completamente quando a clique de traidores, encabeçada por Gorbatchov e preparada sob influência dos serviços de inteligência ocidentais, conseguiu chegar ao poder.

Fale-nos por favor sobre o funcionamento do mecanismo económico sob Stáline.

Proponho que comecemos por falar da actual crise económica mundial.

É claro que a própria ideia de propriedade privada está obsoleta, mas falaremos sobre isso depois.

Qual é a causa concreta da crise? A causa concreta da crise é a «bolha» do dólar, isto é, a circulação no mundo de uma massa colossal de dólares, que não tem qualquer correspondência com as mercadorias reais. No entanto os dólares circulam como se fossem uma verdadeira divisa, ainda por cima uma moeda mundial.

Imaginemos que nós dois somos um país normal anterior à época do «dólar», isto é, antes da «bolha».

Queremos viver melhor, mas não conseguimos produzir mais. Então decidimos imprimir mais moeda própria. Mas continuamos sem viver melhor, porque a inflação disparou.

Com o nosso dinheiro vamos a um país vizinho tentar comprar aquilo que não conseguimos produzir. Respondem-nos que temos de pagar em ouro, ou propõem-nos cambiar o nosso dinheiro segundo o padrão-ouro.

Mas não o podemos fazer porque não só não temos ouro, como a nossa moeda está desvalorizada.

Este é o limiar que os EUA ultrapassaram quando impuseram ao mundo o seu dólar, a sua moeda nacional, em vez do padrão ouro.⁴

É sabido que os norte-americanos há muito tempo que não produzem o suficiente em relação ao que consomem. Mas inventaram esta ordem financeira mundial única que lhes permite subtrair a qualquer país tudo o que precisam e que não produzem internamente.

⁴ Os acordos de Bretton Woods (EUA), em Julho de 1944, estabeleceram o dólar como moeda de referência internacional, ficando esta, por sua vez, ligada ao ouro numa proporção fixa de 35 dólares por onça troy (31,104 gramas). Em 1968 esta equivalência passou para 42,22 dólares por onça-troy. Finalmente, em 15 de Agosto de 1971, a Administração Nixon decidiu unilateralmente pôr fim à convertibilidade do dólar em ouro. Na realidade, a credibilidade do dólar há muito que estava minada devido à contínua emissão de moeda para cobrir défices externos, agravados pela guerra no Vietnam. Em 1965, o presidente francês Charles de Gaulle alerta para o desequilíbrio da balança comercial norte-americana e acusa os EUA de se financiarem gratuitamente à custa dos restantes países, que acumulavam notas verdes de valor real discutível. Por isso a França e outros países começaram a diminuir drasticamente as suas reservas de dólares, exigindo a sua conversão em ouro. (N.Ed.)

E que consequências sofrem os países que estão sujeitos ao domínio do dólar?

Nesses países, uma parte do produto nacional é destinada à manutenção de uma divisa estrangeira – o dólar. Isto significa que resta uma parte menor para sustentar a sua própria divisa nacional. Significa também que a moeda nacional perde valor e provoca inflação.

E quem são os que, no essencial, compram bens na moeda nacional? Quem é que compra em rublos no nosso país? Pois é, os trabalhadores, os funcionários públicos e outros.

Toda a «*elite*» se abastece em dólares, a inflação não lhes toca. Deste modo, a par da inflação, ocorre ainda uma estratificação social anómala, para além dos limites habituais.

A entidade encarregada de combater a inflação é o Fundo Monetário Internacional – uma das estruturas principais do estado-maior do capital transnacional.

E como o faz?

Vemos todos os dias como o faz. Se há inflação, isso significa que os trabalhadores têm supostamente demasiado dinheiro. Então é preciso que tenham menos. Cortam os salários, as pensões, as bolsas e estudo; serviços sociais antes gratuitos tornam-se pagos. Uma vez que têm dinheiro a mais, então paguem!.. Vemos a toda a hora nos ecrãs da televisão essa «*luta contra a inflação*» do FMI e a sua contestação pelos trabalhadores da Europa.

Mas será que a questão está no facto de os cidadãos comuns terem «*enriquecido*»? É claro que não. O que se passa é que os seus países são sugados pelos EUA através da engenhosa invenção do sistema do dólar. Com ele os EUA obtêm para si uma parte da riqueza nacional de outros países. Eis porque a população local tem carências e sofre com a inflação; e na senda da inflação surge o desemprego, uma vez que, segundo a receita do mesmo FMI, se deve reduzir os postos de trabalho para reduzir ainda mais a massa salarial.

Assim, qualquer membro da direcção do Fundo Monetário Internacional sabe seguramente – pois não pode deixar de saber – que para pôr fim à inflação e em geral a todo este pesadelo, só é preciso fazer uma coisa: rebentar a «*bolha*» do dólar.

Mas todo o actual «*poderio*» e «*prosperidade*» parasitária e injusta dos EUA assentam na «*bolha*», e por isso defendem-na com a tenacidade de um buldogue. Mal Strauss-Kahn balbuciou a substituição do dólar por um «*cabaz de divisas*», logo lhe enviaram uma rameira, com a ajuda da qual puseram uma cruz na sua carreira profissional e política. E nem vale a pena lembrar o que aconteceu a Saddam Hussein e a Khadafi, que defendiam a adopção do ouro nas trocas internacionais.

Não vejo como passar daqui para o tema de Stáline...

Muito simplesmente. O objectivo pelo qual Khadafi e Hussein morreram foi concretizado por Stáline ainda em 1950. Ou seja, retirou o país do FMI, para o qual tínhamos entrado no ambiente de euforia do pós-guerra, e estabeleceu o rublo no padrão ouro. Ou seja, blindou totalmente a economia da URSS contra uma ingerência externa.

O próprio modelo económico de Stáline, por muito paradoxal que pareça, constitui uma síntese objectiva das melhores realizações alcançadas à época pelo capitalismo no seu desenvolvimento económico.

Em qualquer corporação capitalista existe um sistema em duas fases de formação de preços. Ou seja, o lucro é inteiramente extraído do preço do produto final que entra realmente no mercado. Os sectores da corporação que se ocupam dos processos intermediários de fabricação transmitem a sua produção ao longo da cadeia tecnológica mediante os chamados preços de transferência, equivalentes praticamente ao preço de custo. Os preços de transferência não incluem, por princípio, o componente do lucro. Os sectores intermediários de produção recebem a sua parte do lucro depois da realização do produto acabado.

Qual é a vantagem deste esquema?

A sua principal vantagem reside no facto de propiciar a redução do preço de custo do produto final, uma vez que o preço do produto final não é sobrecarregado com o lucro dos sectores intermediários, com o lucro, digamos, formado prematuramente.

E quanto mais baixo é o preço de custo, em condições iguais de mercado, maior é o lucro e a competitividade, dado que permite uma maior margem de manobra dos preços no mercado. Em caso de necessidade, é possível baixar o preço sem causar grande dano à rentabilidade.

No tempo de Stáline este o esquema estava generalizado em toda a economia nacional.

Mas não se deve inferir daqui que este esquema foi aplicado na sequência de uma decisão particular nesse sentido. Ninguém tomou tal decisão, e provavelmente nem sequer o próprio Stáline ou o seu círculo pensaram em tal coisa. Tratou-se de um processo objectivo, que evidentemente não é tão simples como pode parecer.

Antes de mais, é preciso primeiro realizar uma revolução socialista, de modo a que todos os meios de produção sejam concentrados nas mãos de um só dono – o Estado, e assim transformar a economia nacional num complexo unificado.

Depois é preciso determinar, no quadro do conjunto da economia nacional, onde está o produto intermediário e o produto final.

No quadro da economia socialista definiu-se como produto final os *bens de consumo final*. Isto porque, em última instância, a economia socialista trabalha para a satisfação das necessidades dos trabalhadores. Toda a massa de mercadorias de consumo geral é pois o seu produto final.

Os bens de consumo geral são colocados directamente no mercado e comprados pela população. O preço dos bens de consumo geral deve incluir o *rendimento* que

em princípio deve resultar do funcionamento do complexo económico nacional unificado no socialismo.

Numa economia socialista construída correctamente, somente os bens de consumo da população constituem *mercadorias*, no sentido pleno da palavra, e se subordinam às relações monetário-mercantis.

Quanto ao produto intermediário, este é constituído por toda a produção destinada ao processo produtivo e tecnológico. Com excepção da parte que é exportada e realizada como mercadoria no estrangeiro, bem como aquela que é realizada no mercado de consumo interno e incluída na categoria de mercadorias de consumo da população (por exemplo, materiais de construção, etc.).

Os grandes meios de produção, em geral e no seu conjunto, não são mercadorias no socialismo. Na URSS nunca foram, se excluirmos a iniciativa de Khruchov de vender máquinas agrícolas aos *kolkhozes*, mas isso é um tema à parte. Em geral pode-se dizer que os meios de produção não eram vendidos a ninguém. Eram financiados, distribuídos segundo o plano.

Naturalmente que não se deve entender isto como se tudo fosse dado gratuitamente a todos. Uma parte destes custos era assumida pelas próprias empresas e os grandes investimentos de capital eram financiados pelo orçamento do Estado.

Poderá traçar-nos um quadro geral?

Como imagem geral temos toda a economia nacional transformada numa espécie de corporação gigante que trabalhava para abastecer o mercado de consumo interno.

A produção destinada ao processo produtivo e tecnológico era transmitida ao longo da cadeia tecnológica precisamente a preços de transferência (preço de custo acrescido de um lucro mínimo não superior a 4-5 por cento). Esta norma do lucro «*mínimo*» era igual em toda a economia nacional, isto é, estavam excluídas quaisquer manipulações do lucro. O indicador decisivo era a *redução do preço de custo*.

Estes nossos preços de transferência eram designados de *preço grossista da empresa*. Não estou a inventar nada. Pode pegar no *Manual de Economia Política* de 1954 e ler tudo com os seus próprios olhos.

Quanto ao nosso produto final – mercadorias de consumo da população –, ele entrava no mercado e era aqui realizado a preços de retalho. É verdade que os preços no mercado de consumo eram estabelecidos pelo Estado, mas – como justa e insistentemente sublinhou o conhecido economista Nikolai Veduta⁵ –, não mecanicamente e à toa. No período de vigência do modelo de Stáline, os preços de retalho constituíam realmente *preços de equilíbrio entre a procura e a oferta*. O preço do bem de consumo incluía ainda, em geral, o *rendimento* que o Estado socialista, enquanto proprietário de todo o aparelho de produção do país, podia extrair do funcionamento deste aparelho.

⁵ **Veduta**, Nikolai Ivánnovitch (1913-1998), economista soviético de nacionalidade bielorrussa, professor, membro-correspondente da Academia Nacional de Ciências da Bielorrússia, fundador da escola de planificação estratégica. É autor de mais de uma centena de trabalhos. (*N. Ed.*)

Como assim? Então de uma máquina de laminação o Estado não podia extrair qualquer rendimento, mas fazia-o através do preço de uma caixa de rebuçados...

Bom, se a máquina de laminação fosse exportada, o Estado extraía rendimento do preço. Mas mesmo que não fosse exportada, o Estado ficava com uma parte do chamado lucro mínimo da empresa produtora. Sublinho que toda a terminologia que utilizo era a terminologia oficial daquela época.

Mas, repito, o principal componente de formação do rendimento estava incluído no preço dos bens de consumo.

Nas empresas da indústria ligeira e alimentar (empresas do grupo B da produção social) este rendimento do Estado era incorporado nos preços de venda das empresas e designava-se «*imposto sobre transacções*».

Noto desde já que esta designação não é correcta, uma vez que pela sua natureza este componente do preço não era um imposto. O eminente economista-planificador A.V. Batchúrine sugeriu que fosse designado *rendimento estatal*, uma vez que o imposto sobre transacções era inteiramente receita do Estado.

Na produção do grupo A, o preço de venda (de transferência) era o *preço grossista da empresa*, que incluía um lucro mínimo. O preço de venda da produção do grupo B era o chamado *preço grossista industrial*, que incorporava, além do lucro mínimo, ainda o imposto sobre transacções (vamos por enquanto chamá-lo assim).

E para sermos totalmente exactos, no preço de retalho ainda se acrescentava os custos da circulação e o lucro do comércio grossista e retalhista.

Ficamos com a impressão de que tudo isso era um tremendo «assalto» ao consumidor. Quase toda a receita do Estado provinha das mercadorias que as pessoas compravam...

Nada disso. Na realidade, o resultado era precisamente o inverso. Graças ao facto de os preços de toda a produção intermediária – materiais e recursos energéticos, máquinas-ferramentas e máquinas, transportes, todo o tipo de equipamentos, instrumentos, combustíveis e lubrificantes, etc. – estarem praticamente isentos de componentes de formação de lucro, o preço de custo dos produtos finais – bens de consumo geral – era incrivelmente baixo. Naturalmente que preço de custo diminuía em todos os elos da cadeia tecnológica.

Uma coisa que não compreendo são as lamúrias de quase todos os escrevinhadores sobre temas económicos, segundo os quais, alegadamente, a Rússia não é a América e sempre sofremos (e estamos condenados a sofrer!) devido aos preços de custo extremamente elevados dos nossos produtos. Em que é que se baseiam? Na realidade, na época em que vigorou o modelo de Stáline (e em muitos casos, por inércia, até muito mais tarde) o preço de custo de absolutamente tudo o que se queira era substancialmente mais baixo, nalguns casos várias vezes, do que o mesmo produto fabricado na América ou na Europa. Por isso, podia-se dar a volta a Moscovo de metro em ambas as direcções por apenas cinco copeques, e apesar disso o metropolitano estava longe de ter dificuldades financeiras. Enquanto na América paga-se um dólar por uma viagem só numa direcção e sem transbordos.

Deste modo, entre o preço de custo do artigo de consumo e o seu preço de retalho havia uma pesada camada constituída por esse imposto sobre transacções. Isto não era nenhum «*esfolamento*» do consumidor, mas o resultado de uma elevadíssima eficiência da economia socialista, quando estava organizada correctamente, de uma forma marxista, stalinista.

Além disso, é certo que o Estado recolhia o imposto sobre transacções, mas logo devolvia uma parte à população sob a forma de uma redução massiva anual dos preços de retalho. E não é verdade que a baixa de preços incidia apenas sobre todo o tipo de tralha invendável, como hoje falsamente se diz, mas sim e antes de mais sobre os produtos de primeira necessidade: pão, sêmola, lacticínios e produtos de carne, batatas, legumes, açúcar, etc. Tratava-se de reduções significativas, na ordem dos dez por cento e mais.

Isso era portanto uma forma bastante eficaz de elevar o bem-estar material dos trabalhadores...

Não era simplesmente uma forma de elevar o bem-estar, mas sobretudo um dos dois principais canais de entrega aos trabalhadores da *sua parte do rendimento proporcionado pelo funcionamento dos meios de produção de propriedade social*.

Hoje toda a imprensa de «*esquerda*» está repleta de queixumes de que, alegadamente, não havia propriedade social na URSS e que ninguém até agora foi capaz de definir o conteúdo que a propriedade social deve ter no socialismo. Desculpem, mas a propriedade social foi uma realidade social e económica no nosso país, em primeiro lugar durante o período de Stáline. E quanto à sua definição, nós, a Plataforma Bolchevique e mais tarde o Congresso dos Cidadãos da URSS, desde o início dos anos 90 que afirmamos que a propriedade social existe *quando estão socializados não só os meios de produção, mas também o sobreproduto* [mais-valia], *quando está garantido que este chega às mãos dos trabalhadores*, enquanto proprietários de todo este património. Se a estes proprietários é anunciado no dia 1 de Março de cada ano que os preços em toda a economia nacional baixaram, isto significa que o seu nível de vida aumentou em dez ou 15 por cento.

Quero deixar bem sublinhado – tal como tenho repetido muitas vezes nos meus trabalhos ao longo dos últimos vinte e tal anos – que, à excepção da redução sistemática e sensível dos preços de consumo, *não existe* outro modo de o trabalhador comum se tornar dono dos bens que lhe cabem proporcionados pelo funcionamento da propriedade social.

E não vale a pena inventar disparates como depositar uma parte da renda do petróleo na conta pessoal de cada cidadão. Vimos, através do exemplo da Líbia de Khadafi, qual o resultado desses pagamentos até muito generosos, quando aos olhos dos cidadãos se perde a ligação entre esses pagamentos e o resultado directo do seu trabalho.

Mas disse que a redução dos preços é apenas um dos dois principais canais de elevação do nível de vida...

Sim, o segundo canal é o aumento dos fundos de consumo social gratuito: instituições de saúde, recreativas, culturais e de instrução e ensino, o desenvolvimento máximo das infra-estruturas sociais, a construção de habitação, a melhoria das condições dos pensionistas, etc. E tudo isto à custa da mesma «*almofada*» do imposto sobre transacções e outras receitas do Estado.

*E qual era a situação no que respeita aos preços da produção agrícola? Os *kolkhozes* não eram empresas do Estado.*

Durante o período de Stáline, os *kolkhozes* não eram proprietários de máquinas agrícolas pesadas. A maquinaria agrícola pesada estava concentrada nas estações de máquinas e tractores – as *MTS*. As *MTS* não faziam parte dos *kolkhozes*, eram empresas com orçamentos separados dos *kolkhozes*. Por isso, as despesas com a aquisição, manutenção e reparação da maquinaria não eram incluídas nos custos de produção dos *kolkhozes*. É certo que pagavam o trabalho das *MTS*, mas era muito mais barato alugar as máquinas do que suportar a sua aquisição, manutenção e renovação.

Por isso, nos anos em que vigorou o modelo de Stáline (as pessoas das gerações mais velhas lembram-se disto), as prateleiras do comércio e os mercados dos *kolkhozes* abarrotavam de produtos de primeira qualidade. Ao mesmo tempo, os preços baixavam periodicamente. É preciso acabar com essa falsidade de que, alegadamente, a seguir à guerra havia subnutrição. Qual quê?! Logo em 1947 começaram as reduções de preços anuais. Ninguém na URSS passava fome. Havia de tudo em toda a parte com abundância. E os produtos eram todos frescos, com uma qualidade que nem em sonhos encontramos na actual «*abundância*».

II

E como deitaram tudo isso abaixo?

Ainda Stáline mal tinha morrido, logo Khruchov obrigou os *kolkhozes* a comprar a maquinaria das *MTS* – isto apesar dos avisos categóricos feitos por Stáline na sua obra clássica de 1952, *Problemas Económicos do Socialismo*.

Em resultado os gastos com a aquisição e manutenção de meios técnicos pesados foram incorporados no custo de produção dos *kolkhozes*. Não era difícil adivinhar que depois disto teria de se pôr uma cruz sobre a política de redução periódica dos preços dos produtos alimentares, e a seguir de todos os outros artigos de consumo. Em vez da baixa de preços surgiu (e não podia deixar de surgir) a tendência para a sua subida constante. Para não sobrecarregar demasiado as pessoas e evitar exces-

sos, como os que tiveram lugar na altura em Novotcherkassk,⁶ em breve os preços dos produtos alimentares passaram a ser subvencionados.

Eis como foi coroadada a intriga anti-stalinista, e por isso antipopular: a «*almofada*» do imposto sobre transacções no preço dos bens alimentares foi substituída por uma «*bolha*» de subvenções.

E ainda houve a reforma de Kossíguine...

A «*reforma*» de 1965-67 completou o desmantelamento do modelo económico de Stáline. Quebrou a «*coluna vertebral*» do modelo, isto é, o *princípio da não realização de lucro no preço da produção intermediária*.

O lucro começou a formar-se sucessivamente em todos os elos da cadeia tecnológica: não só nas empresas como inclusivamente nos organismos oficiais. Mas o lucro real, o rendimento económico «*são*», só pode ser obtido no mercado real. E como sabemos não havia no nosso país um mercado real de meios de produção (meios para o processo técnico-productivo).

Deste modo, para «*sair desta situação*», determinou-se que o lucro no preço do produto seria proporcional ao valor do capital fixo consumido e do capital circulante.

Supostamente, tudo ficaria organizado de forma «*inteligente*», como no capitalismo. Então não é verdade que no capitalismo o lucro é constituído proporcionalmente ao capital investido? Pois sim, mas esqueceram-se de um «*pormenor*»: no capitalismo a formação de lucro em proporção ao capital é um processo objectivo, realiza-se no mercado de meios de produção, no mercado de bens de investimento. Onde é que já se viu um capitalista descontar para si um lucro no sossego do seu gabinete?

Repito que no nosso país esse mercado de bens de investimento simplesmente não existia. Por isso, foi uma estupidez completa ter-se passado a calcular o lucro

⁶ A cidade de Novotcherkassk situa-se no Norte do Cáucaso, a 35 quilómetros a Nordeste da cidade de Rostov do Don. Em 1 de Junho de 1962, os operários da fábrica de locomotivas *NEVZ* entraram em greve em protesto contra a subida dos preços da carne e da manteiga, em 30 e 25 por cento respectivamente. A medida fora anunciada pelo governo nos últimos dias de Maio, num momento em que a carência de pão, já tinha obrigado as autoridades soviéticas a importar trigo pela primeira vez na história da URSS. Além do sensível aumento dos preços, a direcção de Khruchov decidiu também impor o aumento das normas de trabalho em quase um terço, o que se traduzia numa redução efectiva dos salários. Para exigir aumentos salariais, um grupo de 200 operários da secção de metalurgia decidiu dirigir-se ao edifício da administração. Pelo caminho juntam-se cerca de mil operários de outras secções. Os grevistas acabam por ocupar o edifício onde permanecem reunidos em plenário durante toda a noite. Durante a madrugada seguinte, tanques militares forçam os portões da fábrica e é decretado do recolher obrigatório. Pela manhã, forma-se uma coluna de operários, mulheres, crianças e população em geral, que se dirige para o centro urbano, concentrando-se frente à sede do partido e do município, onde se encontrava o grupo de membros do *Presidium* do CC do PCUS enviado de urgência para a cidade. Os militares formaram um cordão de segurança em torno do edifício. Após vários disparos para o ar e apelos e à dispersão dos manifestantes, atiraram por fim sobre a multidão, provocando 24 mortos e dezenas de feridos. (*N. Ed.*)

em proporção aos gastos materiais da produção. Começou aqui o descalabro da eficiência da economia nacional.

Já estou a ver o que aconteceu...

Claro que sim, aqui o difícil é não ver.

Para quê fazer uma máquina menos pesada? Vamos é fazê-la mais pesada, quanto mais metal se usar, mais lucro se incluirá no preço. Para quê usar areia de uma pedreira vizinha? Vamos é mandá-la vir de longe, e assim teremos um pouco mais de lucro, etc. A nossa imprensa entre o final dos anos 60 e inícios dos anos 80 estava cheia destes casos.

Nas empresas e organismos oficiais apareceu dinheiro em espécie, o que era impensável no período de Stáline. Nessa altura todos os pagamentos principais eram feitos em valores nominais. E onde há dinheiro «vivo», há esbanjamento de recursos do Estado. Lembro-me de a minha mãe se interrogar: mas por que razão o director da fábrica tem uma casa de banho junto ao gabinete? Será que não tem duche em casa?

Também não demorou a aparecer a economia paralela, uma vez que o terreno propício para se desenvolver é precisamente a possibilidade de desbaratar recursos do povo. Na gestão com valores nominais, a economia paralela não tinha simplesmente forma de se desenvolver.

Numa palavra, é preciso acabar com essa conversa fiada de muitos dos nossos pseudoteóricos, segundo os quais a URSS teria sido destruída pela burocracia e pela a nomenclatura partidária, «*como classe*».

Não desculpo os burocratas do partido, no entanto o marxismo ensina-nos que é o ser que determina a consciência, e não o contrário.⁷ E o ser da sociedade são as relações de produção que nela predominam, a começar pela forma de propriedade. Muda a forma de propriedade, sob acção de causas capazes de a alterar (guerra, revoluções e outras), e as pessoas mudam radicalmente. Olhando para o nosso povo, vimos e vemos como pequenos larápios se tornaram «*oligarcas*». Porventura algum destes indivíduos seria hoje multimilionário, caso o adversário geopolítico, vencedor da guerra psicológico-informativa, não tivesse introduzido a propriedade privada no nosso país? Decerto que ainda estariam hoje calmamente sentados nos lugares que ocupavam no poder soviético.

Aconteceu algo de semelhante em resultado da «*reforma*» de Kossíguine. Apesar de as suas manifestações exteriores parecerem um absurdo completo, a sua concepção não foi nenhuma idiotice. Pelo contrário, tratou-se de um golpe muito preciso, apontado com uma precisão diabólica ao coração do nosso sistema económico. Este golpe rompeu a ligação entre a forma de propriedade socialista e o seu princípio correspondente de extracção de lucro (e por conseguinte de distribuição) do rendimento social líquido.

⁷ Recorde-se a frase exacta de Karl Marx: «*Não é a consciência dos homens que determina o seu ser, mas, inversamente, o seu ser social que determina a sua consciência.*» *Para a Crítica da Economia Política*, prefácio, in Marx Engels, *Obras Escolhidas* em três tomos, Ed. Avante! – Progresso, Lisboa – Moscovo, 1982, t. I, p. 531. (N. Ed.)

Como é que um chefe de laboratório totalmente desconhecido como Berezovski,⁸ se tornou um oligarca? Pois, assim que foi legalizada a possibilidade de obtenção e apropriação de rendimento não socialista, devastadora pela sua natureza da economia nacional, logo apareceram pessoas que enveredaram por essa via para aumentar o seu bem-estar pessoal. É um processo objectivo, compreende? São os dois lados da mesma medalha.

A deformidade das relações de produção gerou de imediato à sua volta incarnações humanas igualmente disformes.

Mas então esses indivíduos da nomenclatura partidária, estatal e economia, que começaram na prática a roubar, não são culpados de coisa nenhuma?

Não, evidentemente que são culpados, na medida em que se aproveitaram para fins pessoais das alterações negativas no meio económico. Foram eles os portadores desse mal para as nossas vidas, materializam-nas, digamos assim.

Mas o que quero sublinhar é uma coisa diferente: não foram essas pessoas, na sua maioria, que fizeram o mal. De igual modo, a contra-revolução dos anos 90 não foi feita pelos secretários dos comités do partido e os directores que privatizaram as fábricas por que eram responsáveis. Quem a fez – é certo que também pelas mãos destes – foi o inimigo geopolítico de classe, que conduziu uma guerra não declarada contra nós, para destruir o nosso sistema, o nosso regime social.

Para si tudo se resume a uma guerra, mas toda a nossa «esquerda» quase unanimemente considera que essa teoria da conspiração não faz sentido, afinal de contas somos marxistas, temos de procurar razões de classe para o que aconteceu.

E eu para si não sou marxista?

Acontece que sou uma marxista do século XXI, enquanto a nossa «esquerda» nem sequer chegou ao século XX, ficou algures no século XIX.

A luta de classes desenvolve-se e, como tudo no mundo, mudam as suas formas. Hoje, quem quiser intitular-se de marxista tem de compreender por fim que no presente a forma superior de luta de classes, à escala mundial, é a guerra imperialista moderna.

A luta de classes há muito que se internacionalizou, se globalizou, e esta furiosa guerra no planeta é precisamente a sua forma de internacionalização, a forma moderna de confrontação entre o trabalho e o capital.

Por isso quando analisamos os acontecimentos em qualquer país – e em primeiro lugar no nosso país – através do prisma desta guerra, no seu contexto, não nos

⁸ **Berezovski**, Borís Abrámovitch (1946-2013), multimilionário russo e antigo matemático, doutorou-se em 1983, especializando-se em automação. Membro do *Komsomol* entre 1960 e 1974 e depois do PCUS, torna-se chefe de laboratório no Instituto de Ciências de Controlo da Academia de Ciências da URSS (1970-1987). A partir de 1973 dirige projectos de automação na fábrica de automóveis *AvtoVaz*, construtora dos veículos conhecidos no Ocidente sob a marca *Lada*. Em 1989 funda uma empresa de exportação destes automóveis, acumulando rapidamente uma imensa fortuna pessoal. (N. Ed.)

afastamos da abordagem de classe marxista, mas pelo contrário, utilizamo-la na sua forma mais desenvolvida, mais avançada.

Mas desviámo-nos do modelo de Stáline...

Não nos desviámos, estamos apenas a analisar a questão de como foi destruído. E chegámos à conclusão de que a sua destruição não resultou da estupidez de alguém, das intrigas da burocracia partidária, nem da auto-implosão espontânea do socialismo, mas sim de uma operação de diversão de guerra psicopolítica, aliás muito bem preparada e conduzida. Não foi pela sua «*estupidez*» que não pôde ser contrariada. Essa «*estupidez*» foi muito bem pensada. Decerto, as pessoas tiveram de actuar de um modo estúpido, mas isso foi feito intencionalmente, precisamente com o fim de semear o caos na economia.

Temos de nos recordar da quantidade de elementos da quinta coluna, alegadamente membros da «*ciência*» económica, que se atropelavam à volta da «*reforma*» de 1965. Dificilmente seriam menos do que aqueles que rodearam Gorbatchov e Élt sine. Todos eles eram agentes directos da influência do Ocidente.

E quais são as perspectivas futuras para o modelo de Stáline? Terá algum futuro? Podemos afirmar que depois da restauração do socialismo no país a economia nacional será novamente organizada segundo os princípios de Stáline?

Podemos e devemos afirmá-lo, uma vez que não há aqui quaisquer outras variantes. A evolução mundial da economia decorre de um modo que é como se continuasse apoiada nos ombros da etapa anterior, retirando dela o melhor, sistematizando e generalizando esse melhor, e nele, como sobre um alicerce, constrói a etapa seguinte. Mas, mais uma vez sublinho, trata-se de um processo *objectivo*, que decorre, num certo sentido paradoxalmente, «*independentemente da nossa vontade e consciência*», como afirmam os clássicos, em quem devemos acreditar. Isto é, Stáline ou outro qualquer faria inevitavelmente o mesmo.

Foi através do modelo de Stáline de duas escalas de preços que nos apoiámos nos ombros do modo de produção capitalista que nos antecedeu. Tomámos dele tudo o que era de melhor (o pior, naturalmente, rejeitámos-lo) e essa parte melhor, retirada de um elo produtivo particular (as corporações), generalizámos-la a toda a economia nacional.

E assim será por toda a parte. Não só no nosso país, mas em todo o planeta, uma vez que este é um processo histórico-objectivo, é uma necessidade lógica objectiva. Tal como em substituição da servidão surgiu o trabalho assalariado, em substituição da propriedade privada surgirá a propriedade social. É preciso ter em conta uma única coisa: não são apenas os meios de produção que devem ser socializados, mas também o sobreproduto. E o esquema de socialização do sobreproduto é precisamente o modelo económico de Stáline, o sistema de duas escalas de preços de Stáline.

Os «reformadores» da economia socialista apontavam para o capitalismo e diziam que por enquanto lá se vivia melhor do no nosso país, e que por isso era preciso adoptar os seus métodos, e não procurarmos inventar qualquer coisa nossa. Mas resulta que não foram eles que aproveitaram o mais valioso do capitalismo, mas sim Stáline, por eles vituperado e amaldiçoado. Podemos tirar esta conclusão e difundi-la sem receio?

Sem dúvida. Podemos e devemos dizer que na URSS, durante o período de Stáline, tendo-se eliminado a exploração e os restantes males do capitalismo, se utilizou, não obstante, o que havia de valioso no modo de produção burguês, com futuro histórico e favorável ao progresso.

Depois, é bom recordar, o período durante o qual o modelo de Stáline funcionou em pleno, entre 1947 e 1953, provocou um autêntico pânico nos economistas e políticos do Ocidente. Horrorizava-os o visível aumento galopante do bem-estar material, não das elites, mas das mais amplas massas laboriosas da população. Compreenderam que se isto continuasse, os seus dias, os dias do seu sistema estavam contados. «Travar Stáline», travar o avanço da União Soviética tornou-se para eles uma questão de vida ou de morte.

Eis porque nos caiu em cima o chamado «desmascaramento do culto da personalidade». Na realidade, o povo não queria qualquer «desmascaramento» da actividade de Stáline. É certo que estávamos cansados das aleluias à sua pessoa, mas depois da sua morte não custava nada acabar com isso. Mas daí a lançar na lama praticamente sobre tudo o que tinha sido feito pelo povo na época de Stáline, desculpe, mas o povo não queria isso, e só sobreviventes do antigamente o poderiam querer. Uns vinham ainda da Guerra Civil, outros da Guerra Patriótica, outros ainda do combate contra os Basmachi e os «Irmãos da Floresta»⁹ e outros «arautos da liberdade», incluindo os restos dos trotskistas de direita. Isto não foi a voz do povo, foi, mais uma vez, uma operação de sabotagem em grande escala na guerra informativa-psicológica.

Por isso o povo ficou tão aturdido e desconcertado. Tal não aconteceu em 1917, quando o povo apoiou os bolcheviques, isto porque a revolução preconizada pelos bolcheviques correspondia ao seu estado de espírito, traduzia os seus profundos anseios.

⁹ O movimento basmachi surgiu ainda no império russo em 1917 no Turquistão, e espalhou-se pelos territórios do Uzbequistão, Tadjiquistão, da Turqueménia e da Quirguízia com o objectivo de expulsar os bolcheviques e combater o poder soviético. A sua organização foi liquidada no início dos anos 30, mas continuaram a registar-se confrontos até aos anos 40. A luta contra poder soviético foi conduzida sob consignas religiosas e visava a constituição do Estado islâmico do Turquistão.

«Irmãos da Floresta» era a designação comum dos grupos nacionalistas armados que actuaram nos anos 40 e 50 nos territórios das três repúblicas do Báltico, Estónia, Letónia e Lituânia. O movimento teve maior expressão entre 1944 e 1947 na Lituânia. Colaboraram com o ocupante nazi e combateram o poder soviético até 1947, ano em que a sua organização foi desmantelada. Permaneceram contudo alguns pequenos grupos que continuaram a realizar atentados esporádicos até início dos anos 50. (N. Ed.)

Em que medida o nosso movimento de esquerda está preparado para um «segundo advento» do stalinismo na nossa vida social? O seu regresso, não na forma da nova vaga de louvores que lhe são hoje feitos, mas com vista à introdução na prática, mais que não fosse, desse modelo económico.

Em geral não está de modo algum preparado, porque, como não me canso de repetir, em geral, o movimento de esquerda tem uma acção mimética.

Isto não significa que quem compreende o modelo de Stáline deva ficar sentado de braços cruzados. Pessoalmente, escrevo sobre isto desde os anos 70 e enviei os meus trabalhos para o *Gosplan*, para institutos académicos, para jornais e revistas científicas. Alguma coisa consegui, por exemplo, discutir o assunto no *Gosplan*. Mas é claro que no fundamental estes trabalhos foram silenciados. Porém, a verdade é que *existem*, podemos tirá-los do arquivo, e fazemo-lo, publicamo-los, colocamo-los na Internet, e vemos que não só não estão ultrapassados, como em grande parte continuam hoje muito à frente do nosso tempo.

A partir de 1989, em certa medida, tive oportunidade de realizar esta actividade publicamente: de divulgar artigos, é certo em publicações com tiragens diminutas, de intervir em diversas sessões da oposição e das nossas duas organizações, de diversificar as formas de apresentar estes assuntos, etc.

Em resultado acumulou-se um enorme acervo que aumenta a cada instante. Este acervo é tão rico que, quando preparámos o nosso *Projecto de Nova Redacção da Constituição da URSS*, pudemos inscrever o modelo económico de Stáline em linguagem jurídica, em artigos da Lei Fundamental do país.

Não tenho a mínima dúvida de que este trabalho tão volumoso, tão consciencioso e tão profícuo do ponto de vista conceptual, inevitavelmente será aproveitado em devido tempo, malgrado os esforços vãos dos «imitadores», tanto os soviéticos tardios do tipo de Suslov¹⁰ ou de Andrópov,¹¹ como os actuais. Será aproveitado quer

¹⁰ **Súslov**, Mikhail Andréievitch (1902-1982), membro do partido desde 1921, do CC desde 1941, do *Politburo/Presidium* (1952-53 e a partir de 1955). Formado em economia (1928), torna-se professor da Universidade de Moscovo (1929) e trabalha no aparelho da Inspeção Operária e Camponesa (1931-39) e na Comissão de Controlo Soviético (1934-38). Em 1937 exerce cargos de direcção política no Comité Regional do Partido de Rostov. Entre 1939-44 torna-se primeiro secretário do Partido do Comité Distrital (Krai) de Ordjonikídze (Stravopol), secretário do *Bureau* do CC para a República Socialista Soviética da Lituânia (1944-1946), trabalhando depois no aparelho do CC, de que se torna secretário em 1947. Entre 1949 e 1951 acumula as funções de chefe de redacção do *Pravda*. Influente sob a direcção de Khruchov, torna-se responsável da secção de Agitação e Propaganda do CC sob Bréjnev, funções que mantém até quase ao fim da sua vida. Em 1969 opôs-se ao projecto de «reabilitação» de I.V. Stáline, que só se realiza parcialmente. (N. Ed.)

¹¹ **Andrópov**, Iúri Vladimirovitch (1914-1984), membro do partido desde 1939, do CC desde 1961, do Politburo desde 1972 (candidato desde 1967), secretário do CC (1962-67), secretário-geral do PCUS entre Novembro de 1982 e Fevereiro de 1984. Foi operário do Telégrafo, tornando-se funcionário do *Komsomol* em 1936, primeiro secretário do Comité de Oblast de Iaroslavski no ano seguinte e do CC do *Komsomol* da República Soviética Carelo-Finlandesa em 1940. Transita para o partido em 1947, como segundo secretário do CC na mesma república e para o aparelho central do PCUS em 1951. Foi embaixador na Hungria

pela opinião pública pensante, quer pelo movimento de libertação, quer pelo poder soviético restaurado. Na condição, evidentemente, de que este poder se revele digno desse nome. Esperamo-lo vivamente, pois somos soviéticos sinceros e patriotas, soldados sinceros da nossa pátria soviética, a qual nunca traímos ao longo de toda esta dura experiência, e essa justiça deve-nos ser feita.

III

Quero fazer-lhe ainda uma pergunta: considera que é possível hoje a Rússia libertar-se da ocupação norte-americana, permanecendo um Estado burguês enquadrado, digamos assim, no capitalismo de Estado? Substituindo, por exemplo, a elite compradora por outra orientada para a defesa dos interesses nacionais, que coloque todas as instituições estatais ao serviço do Estado, concretizando o que, pelo menos em palavras, Pútine diz estar a realizar, intitulado-se líder do movimento de libertação nacional da Rússia?

Isso de que ele fala é completamente impossível. No fundo, os putinistas aproveitaram a nossa ideia. Fiódorov,¹² como se pode ver pelos artigos que publicou, nunca falou de qualquer ocupação até 2012. Nós falamos dela há 20 anos. Em 2001 o Congresso dos Cidadãos da URSS aprovou uma resolução sobre «*O Estatuto da URSS enquanto país temporariamente ocupado*». Roubaram-nos esta ideia. Pois a isso chama-se justamente imitação. A imitação é um dos principais métodos da guerra informativa-psicológica. Mas para nós tratava-se da ocupação de quê? Da URSS. Já Pútine não pode falar da ocupação e libertação da URSS. Então inventam: para eles a Federação Russa é supostamente um Estado burguês normal. É assim que colocam a questão. Só é preciso libertá-la da ocupação e tudo ficará bem. É aqui que está a artimanha. É preciso compreender que não existe qualquer Estado burguês normal, inteligível, articulado. O que existe é um regime de ocupação. Mas quando falamos com os nossos comunistas da ocupação, eles retorquem com a pergunta: qual é o modo de produção? Mas não se trata do modo de produção, mas da ocupação que configura um regime próprio. Este é de resto muito complexo, engenhoso, com organização económica que exigiu muito trabalho a preparar. Mas funciona, não em prol do povo, não em prol do desenvolvimento das forças produtivas do país sob ocupação, mas para a pilhagem e transferência da riqueza nacional a favor do país ocupante.

entre 1954 e 1957 e presidente do KGB entre 1967 e 1982, chegando à cabeça do partido e do Estado, como presidente do *Presidium* do Soviete Supremo da URSS em 1983. A sua curta passagem de 15 meses pelo topo poder, parte dos quais já doente, ficou marcada por algumas medidas disciplinadoras no trabalho e de combate à corrupção. (N. Ed.)

¹² **Fiódorov**, Evguéni Alekséievitch, (1963), deputado do partido Rússia Unida, de Vladimir Pútine, membro do seu Conselho Político Central, coordenador do chamado «Movimento de Libertação Nacional da Rússia», que se propõe congregar todas as organizações sociais e políticas de orientação patriótica e recuperar a soberania perdida com a dissolução da URSS em 1991. (N. Ed.)

Afirmar que se pode substituir a elite do regime de ocupação, depurá-lo e pô-lo a funcionar como é preciso, é tão ridículo como dizer que no capitalismo se pode instaurar o regime socialista sem revoluções, bastando apenas substituir a elite, o partido dirigente, etc. Isto é um absurdo completo.

Os nossos comunistas poderiam pôr Pútine numa situação embaraçosa se lhe perguntassem: Quer libertar-nos de quê? De que ocupação? Vós próprios sois o regime de ocupação. Assim, qual é a ocupação de que o vosso regime pretende libertar-se? O que é preciso é destruir este regime, eliminá-lo, livrar de vós o país. Não sois vós que deveis livrar o país de algo.

Mas os ziuganovistas também são imitadores. Por isso desde 1996 que não conseguimos que coloquem esta pergunta. Simplesmente não são capazes de o fazer. Significa que temos de perguntar aos putinistas, nomeadamente a Fiódorov: de que ocupação pretendem libertar-nos? Se nos libertarmos efectivamente da ocupação, se for uma libertação autêntica, e não apenas verbal, um faz de conta, então deverá ressurgir o Estado que foi ocupado, isto é, a União Soviética. O que temos são os países ocupantes, a União Soviética ocupada e o mecanismo de ocupação. É tudo! Não temos qualquer estado burguês normal. E após a ocupação deverá erguer-se das cinzas o Estado que foi ocupado. Não há qualquer outra variante possível. Após o fim da ocupação do Estado socialista, sobre as suas ruínas não será possível formar-se historicamente qualquer Estado burguês.

E o capitalismo de Estado?

Não haverá capitalismo de Estado no nosso país. Repito, o mecanismo vigente tem como única finalidade a divisão e partilha do nosso potencial produtivo, de defesa, humano e de recursos naturais. Funciona só para isso. O que é que se pode fazer com uma guilhotina? Apenas cortar cabeças. Se não quiser cortar cabeças, então deve-se mandar a guilhotina para a sucata. Cada mecanismo é concebido para uma determinada tarefa. O actual mecanismo económico foi concebido para retalhar o nosso país. Não é possível adaptá-lo para outro fim. A libertação da ocupação, repito, exige o derrubamento de Pútine, a liquidação deste regime de ocupação e, a partir das suas ruínas, iniciar a restauração da URSS. É isso que acontecerá, porque é esse o curso da história, porque é a formação social mais progressista, e não se pode simplesmente suprimi-la. O povo soviético encontrará forças certamente para novamente se consolidar como tal. E o destino dessa picadora de carne monstruosa que matraqueia no nosso país será assim decidido.

E quanto a Navalni,¹³ que representa hoje a «oposição pantanosa». Também eles apelam ao derrubamento de Pútine...

É certo que apelam. Pútine é uma marioneta, um *gauleiter*¹⁴ colocado pelos ocupantes. E caso Pútine seja derrubado, encontrarão outro. A substituição de dirigen-

¹³ **Navalni**, Aleksei Anatólievitch (1976), político russo, empresário e líder do Partido do Progresso. (N. Ed.)

¹⁴ Gauleiter, líder regional do partido hitleriano. (N. Ed.)

tes não resolve nada. Mas Navalni ou Nemtsov¹⁵ nunca dirão como nós: é preciso derrubar este regime de ocupação e libertar o país. «*A Rússia sem Pútine*», e depois o quê? Põem lá Medvédev¹⁶ ou outro, se calhar esse Navalni.

Nada mudará...

Absolutamente, nada mudará.

É a técnica da desagregação e do caos...

Na minha opinião, é o próprio Pútine que de alguma forma provoca esses ataques, para sublinhar a importância da sua pessoa e poder apontar os «*opositores*» como agentes do imperialismo que querem derrubá-lo. Por isso o povo, essa tal «*frente de todo o povo*», deve unir-se para que ele permaneça e continue a sua acção.

Na minha opinião, tudo isto está interligado, isto é, os Navalni e Nemtsov não exprimem a vontade do povo. Qual quê? As suas pressões têm origem no próprio Krémelin, por vias ocultas, mas vêm de lá. Isto de algum modo dá relevância a Pútine, não é verdade? Se o combatem, é porque é importante...

É portanto a habitual agitação política, como métodos mais astuciosos, digamos assim.

Sim, claro. Sem dúvida que é astucioso... Na guerra informativa tudo é feito de uma maneira extremamente engenhosa. Nos EUA, na Europa e por toda a parte há equipas enormes de gente especializada a trabalhar. E é preciso reconhecer que justificam o pão que comem e os salários que ganham. Por isso, apesar dos nossos esforços, o nosso movimento de esquerda não consegue compreender esses embustes... Pode ser que até sejam capazes e que simplesmente não queiram. Assim, também Ziugánov pode fazer promessas...

Quanto aos dirigentes, estamos esclarecidos. Mas a respeito das pessoas normais, muitas acreditam em Ziugánov. Algumas já assistem aos nossos programas, mas começámos há pouco tempo. Talvez o povo comece a compreender se nos ouvir.

Ninguém sabe se o povo começa ou não a compreender... Ainda na época soviética havia uma espécie de deficiência no sistema de percepção das massas relativamente a algumas verdades. Se uma coisa era dita na televisão, se era publicada no *Pravda*, então tudo isso era a verdade em última instância. Se alguém se pronuncia-

¹⁵ **Nemtsov**, Borís Efímovitch (1959), político liberal russo, actualmente copresidente do Partido Republicano da Rússia – Partido da Liberdade Popular. Ocupou vários cargos no governo até 1998. (N. Ed.)

¹⁶ **Medvédev**, Dmítri Anatólievitch (1965), actual presidente do governo da Federação Russa e presidente do Partido «Rússia Unida». Substituiu Pútine na presidência do país entre 2008 e 2012. (N. Ed.)

va contra alguma coisa, então nem sequer era preciso tentar compreender. Era mais um renegado, percebe?

O nosso movimento comunista actual, em relação à minha pessoa e à nossa organização, segue precisamente essa linha. Tudo se resume a eles, ao partido deles, ao Programa deles, ao *Pravda* e ao *Sovietskaia Rossia* deles. Sobre um tal Congresso de Cidadãos da URSS – esses não passam de párias, marginais, renegados, sectários, etc., não faltam rótulos para nos colarem.

Mas esses rótulos também produzem efeito nas pessoas. Por exemplo, o *Pravda* nunca publicou uma linha dos nossos documentos nestes 20 anos. Se tivessem publicado uma que fosse das nossas resoluções, por exemplo sobre o «*Estatuto da URSS como país temporariamente ocupado*», certamente que os comunistas de base teriam uma atitude totalmente diferente para conosco. Mas só nos injuriam. Nos recortes que tenho coleccionado nunca li uma opinião positiva sobre os nossos trabalhos e em geral sobre as nossas iniciativas. Só descomposturas. Naturalmente as pessoas reagem em consonância.

Também por hábito, o povo impressiona-se com os uniformes. Na altura em que o PCUS foi restabelecido, no início dos anos 90, participei em diversas reuniões do partido, acompanhada por de Evguéni Ivanovitch Kopichev.¹⁷ No comité de organização do XXIX Congresso do PCUS trava-se estão uma luta terrível contra o grupo de «*imitadores*», que na altura era encabeçado por Chénine.¹⁸ Chegámos à assembleia de militantes. Kopichev envergava o uniforme de general.

Começa a intervir, dizendo precisamente o contrário da verdade: que decorria um trabalho fraterno, que estávamos a avançar, que o PCUS seria restabelecido... As pessoas aplaudiram-no com entusiasmo.

Dão-me a palavra e começo a contar o verdadeiro estado de coisas. Falo da luta que se travava, de que precisávamos de ser vigilantes e esclarecer o assunto. Olharam-me como se fosse uma débil mental. O general sim, ele disse-nos a verdade, agora esta...

Esta síndrome é muito poderosa no nosso povo. É produto do aparelho ou mecanismo de ocupação que está a retalhar o país. Basta alguém aparecer no grande ecrã, na internet.... Fiódorov, por exemplo, que até plagiou a nossa terminologia, tem crédito junto das pessoas. Nós por enquanto não temos a possibilidade de nos fazermos ouvir.

¹⁷ **Kopichev**, Evguéni Ivanovitch (1938), membro do CC do PCFR, major-general da Força Aérea reformado. (N. Ed.)

¹⁸ **Chénine**, Oleg Semiónovitch (1937-2009), membro do PCUS desde 1962, do Politburo (1990-93) secretário do CC (1990-1993). Entre 1993 e 2001 foi presidente do Conselho da União dos Partidos Comunistas-Partido Comunista da União Soviética (UPC-PCUS). (N. Ed.)